



INVENTÁRIO DA FAUNA DE VERTEBRADOS DE UMA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO DO AGRESTE PERNAMBUCANO

LUAN ANTÔNIO DOS SANTOS CABRAL; LETTÍCYA GABRIELA TORRES DA SILVA; MARIA THAYSA
MONTEIRO;
GISELLE CAMILA DO NASCIMENTO SILVA

RESUMO

O Parque Ecológico de Serra Negra, localizado em Bezerros, município do interior do estado de Pernambuco, é um parque ecológico criado no ano de 1989 e possui uma área de aproximadamente 3,24 ha. Situado a mais de 800 metros de altitude, este espaço verde de uso público apresenta uma vegetação típica de “Brejos de Altitude” e apesar de ser uma Unidade de Conservação, ainda não possui um plano de manejo, fator que dificulta o conhecimento da diversidade da fauna local. Dessa forma, a partir do desenvolvimento do presente trabalho, buscou-se realizar um levantamento acerca da fauna de vertebrados presentes na UC a partir da revisão de artigos científicos, a fim de reconhecer a espécies locais, minimizando as lacunas de conhecimento acerca do assunto. Como resultado, observou-se, relatou-se e classificou-se a partir de tabelas, a presença de 26 espécies de vertebrados pertencentes às classes Amphibia, Reptilia e Mammalia.

Palavras-chave: Biodiversidade; Chordata; Unidade de Conservação

ABSTRACT

The Serra Negra Ecological Park, located in Bezerros, a municipality in the interior of the state of Pernambuco, is an ecological park created in 1989 and has an area of approximately 3.24 ha. Located at more than 800 meters of altitude, this green space for public use has typical vegetation of “Brejos de Altitude” and despite being a Conservation Unit, it still does not have a management plan, a factor that makes it difficult to know the diversity of the region. local fauna. Thus, from the development of the present work, we sought to carry out a survey about the vertebrate fauna present in the UC from the review of scientific articles, in order to recognize local species, minimizing the knowledge gaps on the subject. As a result, the presence of 26 vertebrate species belonging to the Amphibia, Reptilia and Mammalia classes was observed, reported and classified from tables.

Key Words: Biodiversity; Chordata; Conservation Unit

1 INTRODUÇÃO

O Parque Ecológico de Serra Negra é uma Unidade de Conservação localizada no município de Bezerros, microrregião Vale do Ipojuca - agreste pernambucano, a 102 km da capital do estado, Recife (DIAZ et al, 2017). A Unidade de Conservação (UC) fica situada entre as altitudes de 800 a 850 metros de altitude, com a entrada do Parque Ecológico situada a 810 metros de altitude e os mirantes ultrapassando os 830 metros, possuindo uma vegetação típica de brejos de altitude (DIAZ et al, 2017).

Os Brejos de Altitude são partes de florestas da Mata Atlântica que ocorrem em áreas serranas, entre 600 e 1.100 metros de altitude (VASCONCELOS, 1970). Caracterizados pela presença em altitudes elevadas nas regiões semiáridas em meio ao domínio do bioma da Caatinga, sendo favorecidos pelo fator topográfico que permite a essas áreas um maior índice de pluviosidade, facilitando o crescimento de vegetações típicas da floresta tropical devido a umidade desses ambientes (TAVARES et al., 2000). Os enclaves úmidos (florestas) existentes nos Brejos são considerados a separação ecológica da Mata Atlântica por apresentarem a topografia, a flora, e as características ecológicas das florestas úmidas refugiadas na região de caatinga. Dessa forma, os brejos de altitude se tornam um ecossistema de refúgio para espécies que ocorrem na Mata Atlântica nordestina em meio a Caatinga (TABARELLI, SANTOS, 2004).

A fauna dos Brejos de Altitude é fortemente influenciada pela Mata Atlântica e pela Caatinga (PORTO et al, 2004). Os brejos são refúgios para muitas espécies aquáticas, vegetais e animais. Além disso, desempenham um papel importante na sobrevivência de muitos peixes, pássaros e mamíferos, que se reproduzem nesses ambientes e completam seus ciclos de vida neles (GIULIETTE et al, 2003). A diversidade de animais presente nos Brejos inclui espécies conhecidas de pequeno e médio porte, além de uma grande diversidade de invertebrados. Apesar da severa degradação dessas áreas, ainda existem várias espécies de aves, mamíferos e répteis vivendo nestes ecossistemas (SILVA, 2013).

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo realizar um levantamento bibliográfico de trabalhos científicos referentes a biodiversidade da fauna de vertebrados registrados em publicações científicas para o Parque Ecológico de Serra Negra, a fim de reconhecer a fauna local minimizando as lacunas de conhecimento, e contribuir assim, para sua preservação.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Esta revisão é de caráter teórico descritivo acerca da fauna de Vertebrados (Chordata) presente na Unidade de Conservação “Parque Ecológico de Serra Negra”. Para tal foi realizado um levantamento de artigos nas bases de dados: Periódicos Capes e

Scientific Library onLine (SciELO), utilizando os descritores: “Parque Ecológico de Serra Negra” e “Brejos de Altitude de Pernambuco”, em conjunto com os descritores: “Chordata”, “Fauna”, “Biodiversidade” e “Vertebrados”. A partir do levantamento bibliográfico, foram incluídos neste estudo os artigos que abordaram o tema proposto e excluídos os estudos que diferiram. Os artigos foram selecionados a partir da leitura do título, seguido da leitura do resumo e posteriormente lidos na íntegra e interpretados. Em seguida, foram analisados e realizada a coleta de dados sobre a biodiversidade de vertebrados da UC. As informações foram inseridas em tabela Excel para posterior avaliação, com os dados agrupados por espécies e suas respectivas famílias, ordens e classes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos dados levantados foram tabulados e analisados três trabalhos: Santos (2019), Filho (2020) e Sousa et al (2004). Tais trabalhos identificaram espécies da herpetofauna – anfíbios e répteis (Amphibia e Reptilia) – e mamíferos (Mammalia), evidenciando um total de 26 espécies descritas, como representadas de acordo com a Tabela 1, pelos trabalhos produzidos nas mediações da UC. Não houve trabalhos referentes a fauna de peixes e aves desenvolvidos no parque, impossibilitando assim, a inclusão de tais grupos no inventário. Consequentemente, tal problemática torna em evidência as lacunas de conhecimento apresentadas nesta região acerca das classes mencionadas, condição principalmente favorecida pelo baixo quantitativo de trabalhos científicos elaborados nas dependências do parque, apesar da sua importância ecológica para a preservação da fauna presentes nos Brejos de Altitude.

Tabela 1: diversidade da fauna de vertebrados da UC Parque Ecológico de Serra Negra.

Filo	Subfilo	Classe	Ordem	Família	Espécie
Chordata	Vertebrata	Amphibia	Anura	Hylidae	<i>Boana albomarginata</i>
Chordata	Vertebrata	Amphibia	Anura	Hylidae	<i>Boana crepitans</i>
Chordata	Vertebrata	Amphibia	Anura	Hylidae	<i>Boana faber</i>
Chordata	Vertebrata	Reptilia	Squamata	Viperidae	<i>Crotalus durissus</i>
Chordata	Vertebrata	Reptilia	Squamata	Dipsadidae	<i>Oxyrhopus trigeminus</i>
Chordata	Vertebrata	Mammalia	Chiroptera	Emballonuridae	<i>Rhynchonycteris naso</i>
Chordata	Vertebrata	Mammalia	Chiroptera	Noctilionidae	<i>Noctilio leporinus</i>
Chordata	Vertebrata	Mammalia	Chiroptera	Phyllostomidae	<i>Anoura geoffroyi</i>
Chordata	Vertebrata	Mammalia	Chiroptera	Phyllostomidae	<i>Artibeus fimbriatus</i>
Chordata	Vertebrata	Mammalia	Chiroptera	Phyllostomidae	<i>Artibeus lituratus</i>
Chordata	Vertebrata	Mammalia	Chiroptera	Phyllostomidae	<i>Artibeus planirostris</i>
Chordata	Vertebrata	Mammalia	Chiroptera	Phyllostomidae	<i>Carollia perspicillata</i>
Chordata	Vertebrata	Mammalia	Chiroptera	Phyllostomidae	<i>Dermanura cinerea</i>
Chordata	Vertebrata	Mammalia	Chiroptera	Phyllostomidae	<i>Desmodus rotundus</i>
Chordata	Vertebrata	Mammalia	Chiroptera	Phyllostomidae	<i>Glossophaga soricina</i>
Chordata	Vertebrata	Mammalia	Chiroptera	Phyllostomidae	<i>Phyllostomus discolor</i>
Chordata	Vertebrata	Mammalia	Chiroptera	Phyllostomidae	<i>Platyrrhinus lineatus</i>
Chordata	Vertebrata	Mammalia	Chiroptera	Phyllostomidae	<i>Sturnira lilium</i>
Chordata	Vertebrata	Mammalia	Chiroptera	Phyllostomidae	<i>Tonatia brasiliense</i>

Chordata	Vertebrata	Mammalia	Chiroptera	Phyllostomidae	<i>Trachops cirrhosus</i>
Chordata	Vertebrata	Mammalia	Didelphimorphia	Didelphidae	<i>Didelphis albiventris</i>
Chordata	Vertebrata	Mammalia	Didelphimorphia	Didelphidae	<i>Gracilinanus agilis</i>
Chordata	Vertebrata	Mammalia	Rodentia	Cricetidae	<i>Oligoryzomys nigripes</i>
Chordata	Vertebrata	Mammalia	Rodentia	Cricetidae	<i>Rhipidomys mastacalis</i>
Chordata	Vertebrata	Mammalia	Rodentia	Cricetidae	<i>Wiedomys pyrrhorhinos</i>
Chordata	Vertebrata	Mammalia	Rodentia	Sigmodontinae	<i>Cerradomys subflavus</i>

3.1 Herpetofauna

A herpetofauna apresentou uma biodiversidade de cinco espécies descritas para a UC. A ocorrência dos anfíbios foi descrita por Santos (2019) em um trabalho sobre a relação de peso e comprimento de espécies do gênero *Boana* Gray, 1825, em brejos de altitude no estado de Pernambuco, que identificou três espécies do gênero pertencente à família Hylidae com ocorrência para as mediações da UC. A família Hylidae é atualmente a família dentro dos grupos dos anfíbios com maior número de diversidade de espécies descritas, com 926 espécies cosmopolitas (Frost, 2013). Entre os hílideos (Hylidae), o gênero *Boana* também é um dos mais diversos em relação ao número de espécies descritas, representando cerca de 10 a 15% do grupo (Duellman, 2016). Para o clado dos répteis, Filho (2020) descreveu duas espécies da ordem Squamata, a espécie *Crotalus durissus* Linnaeus, 1758, pertencente à família Viperidae e a espécie *Oxyrhopus trigeminus* (desconhecido) pertencente à família Dipsadidae. De acordo com Carvalho (2010), *C. durissus* tem ampla distribuição geográfica no Brasil, habitando os cerrados brasileiros, as regiões áridas e semiáridas do Nordeste e campos, bem como as áreas abertas do Sul, Sudeste e Norte, conhecidas popularmente como cobra cascavel. A espécie *Oxyrhopus trigeminus* apresenta distribuição não só em território brasileiro, como também em diversos países da América do Sul, sendo típicas de ambientes com vegetação não úmida, e no Brasil, se faz presente em áreas de cerrado e caatinga (CUNHA, NASCIMENTO, 1983).

3.2 Mamíferos

Os mamíferos - Mammalia, apresentaram uma biodiversidade de 21 espécies descritas, com três ordens identificadas: Chiroptera, Didelphimorphia e Rodentia. O levantamento de dados sobre as espécies de mamíferos na UC ocorreu a partir da análise do artigo de Sousa et al (2004), trabalho referente a fauna de mamíferos dos brejos altitudes dos estados de Pernambuco e Paraíba.

3.2.1 Didelphimorphia

Para a ordem Didelphimorphia foram descritas duas espécies da família Didelphidae - *Didelphis albiventris* (Lund, 1840) e *Gracilinanus agilis* (Burmeister,

1854). A família Didelphidae possui ampla distribuição nas Américas e representam o grupo mais antigo de marsupiais (JANSEN, 2002), com o gênero *Didelphis* ocorrendo desde o Canadá a Argentina, e sendo o gênero de marsupial com maior dispersão ao redor do mundo. Segundo Austad (1988) a espécie *G. agilis* é um marsupial arborícola de vida noturna que se alimenta principalmente de frutos e insetos. Esta espécie se abriga durante o dia em cavidades de troncos e emaranhados de galhos ou cipós no alto das árvores e apresenta ampla distribuição no Brasil, ocorrendo principalmente em formações florestais, segundo Eisenberg e Redford (1999).

3.2.2 Rodentia

Para a ordem Rodentia foram descritas duas famílias: Sigmodontinae com a espécie *Cerradomys subflavus* (Wagner, 1842), e a família Cricetidae com as espécies *Rhipidomys mastacalis* (Lund, 1840), *Oligoryzomys nigripes* (Olfers, 1818) e *Wiedomys pyrrhorhinos* (Wied-Neuwied, 1821). As espécies que compõem a família Sigmodontinae têm como característica adaptações ecomorfológicas para hábitos de vida terrestre. Sendo em sua maioria arbóreos, escansoriais, semi-fossoriais e semiaquáticos, essas espécies ocupam uma grande diversidade de habitats, desde ambientes com altitudes ao nível do mar até 5.550 metros (BONVICINO et al., 2008). A família Cricetidae apresenta abundante diversidade de espécies para a Mata Atlântica, inclusive com espécies consideradas endêmicas para o bioma. As espécies dessa família apresentam hábitos terrestres, arborícolas, e escansoriais, semi-fossoriais, semiaquáticos e quatro tipos de hábitos alimentares: frugívoros, onívoros, granívoros e herbívoros de acordo com os estudos destacados por Fonseca et al (1996).

3.2.3 Chiroptera

Chiroptera foi a ordem que apresentou a maior biodiversidade de representantes, sendo descritas 15 espécies de morcegos de três famílias: Emballonuridae, Noctilionidae e Phyllostomidae. Os quirópteros possuem uma grande diversidade de hábitos alimentares, com espécies carnívoras, frugívoras, herbívoras, piscívoras, hematófagas, omnívoras e insectívoras. A família Emballonuridae, de acordo com Emmons e Feer (1990), possuem em sua maioria um pequeno tamanho corporal, sendo seus olhos relativamente grandes quando comparados ao corpo e um focinho alongado que não possui folha nasal. A família Noctilionidae possui apenas um gênero com duas espécies descritas, *N. albiventris* e *N. leporinos*, o último com ocorrência para a UC. A espécie *N. leporinos* possui hábito alimentar do tipo piscívoro, podendo se alimentar também de insetos. Entretanto, a espécie está associada a ambientes em sua maioria de planícies não-áridas (HOOD, JONES, 1984), chamando atenção para a ocorrência em uma área de Brejos de Altitude. A família Phyllostomidae apresenta ampla variedade de hábitos alimentares, desde animais frugívoros a nectarívoros e hematofagia. Pela grand diversidade de espécies que a família possui dividida em seus 55 gêneros descritos, possuem também grande diversidade morfológica e peso, com espécies que variam de 9 a 100 gramas (NOWAK, WALKER, 1994). Essa diversidade de espécies que compõem a família é evidenciada quando observado o número de registros de quirópteros na UC,

onde a família Phyllostomidae representou mais de 86% (n = 13) da fauna de morcegos.

4 CONCLUSÃO

Apesar de ser uma Unidade de Conservação, o Parque Ecológico de Serra Negra ainda não possui um plano de manejo e o desenvolvimento de trabalhos sobre a biodiversidade da fauna do parque ainda é deficiente, dificultando o registro, conhecimento e acompanhamento da fauna local de vertebrados no parque. Dessa forma, faz-se necessário o incentivo ao desenvolvimento de novos trabalhos referentes ao levantamento da biodiversidade presente na UC para fins de ações de preservação e conhecimento científico no local.

REFERÊNCIAS (ABNT NBR 6023:2018)

- ANDRADE, A.; PINTO, S. C.; OLIVEIRA, R. S. Animais de Laboratório: criação e experimentação. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, p. 388, 2002.
- ARAÚJO, S. M. S. Tempo, espaço e geografia. In: RODRIGUES, A. F.; SILVA, E.; AGUIAR, J. O. Natureza e cultura nos domínios de Clio: história, meio ambiente e questões étnicas. EDUEFCG, p. 155-176, 2012.
- AUSTAD, S. N. The adaptable opossum. Scientific American, v. 258, p. 54-59, 1988.
- BONVICINO, C. R.; OLIVEIRA, J. A.; D'ANDREA, P. S. Guia dos roedores do Brasil, com chaves para gêneros baseadas em caracteres externos Centro Pan-Americano de Febre Aftosa. Rio de Janeiro, Série de Manuais Técnicos, v. 1, 2008.
- CUNHA, O. R.; NASCIMENTO, F. F. Ofídios da Amazônia. As espécies de *Oxyrhopus Wagler*, com uma espécie nova e *Pseudoboa Schneider*, na Amazônia Oriental e Maranhão (Ophidia: Colubridae). Bol. Par. Emilio Geoeldi, Nova Série Zoologia, v. 122, p. 1-43, 1983.
- DIAZ, C. C. F.; et al. Diagnóstico ambiental do Parque Ecológico da Serra Negra, Bezerros-PE. Campinas: Instituto de Geociências – UNICAMP, 2017.
- DUELLMAN, W. E.; MARION, A. B.; HEDGES, S. B. Phylogenetics, classification, and biogeography of the treefrogs (Amphibia: Anura: Arboranae). Zootaxa, v. 4104, p. 1-109, 2016.
- EMMONS, L. H.; FEER, F. Neotropical Rainforest Mammals: A Field Guide. Chicago: Universidade of Chicago Press, 281 p. 1990.
- FILHO, G. A. P.; et al. State of knowledge and conservation of the snake fauna of the “Brejos de Altitude” in the Pernambuco Endemism Center, Northeastern Brazil. Ethnobiology and Conservation, 2020.

GIULIETTE, A. M.; et al. Diagnóstico da vegetação nativa do bioma Caatinga. In: SILVA, J. M. C.; et al. Biodiversidade da caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente: Universidade Federal de Pernambuco, p. 48-78, 2003.

HOOD, C. S.; JONES, J. K. J. *Noctilio leporinus*. Mammalian Species, v. 216, p. 1-7, 1984.

MACHADO, A. B. M.; DRUMMOND, G. M.; PAGLIA, A. P. Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção. MMA, Brasília; Fundação Biodiversitas, Belo Horizonte, p. 1420, 2008.

MARQUES, A. L.; SILVA, J. B.; SILVA, D. G. Refúgios úmidos do semiárido: um estudo sobre o brejo de altitude de areia-PB. GeoTemas, Pau dos Ferros, v. 4, n. 2, p. 17- 31, 2014.

NOWAK, R. M.; WALKER, E. P. Walker's bats of the world. Baltimore: Johns Hopkins University Press. 1994.

PORTO, K. C.; CABRAL, J. J. P.; TABARELLI, M. Brejos de altitude em Pernambuco e Paraíba: história natural, ecologia e conservação. Ministério do Meio Ambiente, 2004.

SANTOS, J. C.; et al. Caatinga: the scientific negligence experienced by a dry tropical forest. Tropical Conservation. Science v. 4, p. 276-286, 2011.

SANTOS, L. C. F.; Relação peso comprimento do gênero *Boana gray*, 1825 (anura: Hylidae) em brejos de altitude do estado de Pernambuco-Brasil. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Biologia) - Universidade Federal de Campina Grande. Cuité, 2019.

SILVA, A. S.; et al. Propriedades físicas e químicas em diferentes usos do solo no brejo paraibano. R. Bras. Ci. Solo, p. 1064-1072, 2013.

SILVA, J. M. C.; LEAL, I. R.; TABARELLI, M. Caatinga: the largest tropical dry forest region in South America. Springer, 2017.

SOUSA, M. A. N.; LANGGUTH, A.; GIMENEZ, L. A. Mamíferos dos Brejos de Altitude Paraíba e Pernambuco. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

TABARELLI, M.; SANTOS, M. M. A. Uma breve descrição sobre a história natural dos brejos nordestinos. In: PORTO, K. C.; CABRAL, J. J. P.; TABARELLI, M. Brejos de altitude em Pernambuco e Paraíba: história natural, ecologia e conservação. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, p. 111-122, 2004.

TAVARES, M. C. G. et al. Fitossociologia do componente arbóreo de um trecho de floresta ombrófila montana do Parque Ecológico João Vasconcelos Sobrinho, Caruaru, Pernambuco. Naturalia, São Paulo, v. 25, p. 243-270, 2000.

VASCONCELOS, S. J. Os brejos de altitude e as matas serranas. In: PERNAMBUCO. As regiões naturais do Nordeste, o meio e a civilização. Recife: Conselho de Desenvolvimento de Pernambuco, p. 79-86, 1970.